



F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

Considerações Finais

Em 2011, o desemprego e a precariedade das relações laborais, devastaram Portugal, constituindo um tremendo flagelo social. Tal situação teve consequências directas para largas franjas da população portuguesa. As famílias defrontaram-se com enormes dificuldades para aceder a bens e serviços essenciais, generalizou-se a degradação das condições de vida, aumentando as situações de endividamento, de pobreza e exclusão social.

A população dispõe de menos meios obrigando as famílias a rigorosos critérios de gestão dos orçamentos familiares com naturais cortes em todas as despesas.

A taxa de desemprego subiu para 14% no quarto trimestre de 2011, um novo máximo histórico, traduzindo um aumento de 1,6 pontos percentuais face aos 12,4% registados no trimestre anterior. Foi a subida trimestral mais acentuada de que há memória, reflexo da recessão económica provocada pelas medidas de austeridade que estão a ser aplicadas no país.

Segundo as estatísticas

Quadro 3: Principais indicadores da população desempregada

	Valor trimestral			Valor anual	Variação trimestral
	2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	2011	4ºT-2011
	Milhares de indivíduos				%
População desempregada	675,0	689,6	771,0	706,1	11,8
Homens	349,2	355,0	405,7	366,0	14,3
Mulheres	325,8	334,7	365,3	340,1	9,1
Dos 15 aos 24 anos	115,5	138,3	156,3	133,5	13,0
Dos 25 aos 34 anos	184,1	181,3	217,4	194,7	19,9
Dos 35 aos 44 anos	157,5	156,7	170,4	161,3	8,7
Com 45 e mais anos	217,9	213,3	226,9	216,6	6,4
À procura de primeiro emprego	66,7	75,6	80,2	73,8	6,1
À procura de novo emprego	608,3	614,0	690,8	632,3	12,5
Desempregados por duração da procura					
Até 11 meses	302,6	333,2	365,6	331,3	9,7
12 e mais meses (longa duração)	372,4	356,4	405,5	374,9	13,8
Taxa de desemprego (%)	12,1	12,4	14,0	12,7	
Homens	11,9	12,0	13,9	12,4	
Mulheres	12,4	12,9	14,1	13,1	
Jovens (15-24 anos)	27,0	30,0	35,4	30,1	
Taxa de desemprego de longa duração (%)	6,7	6,4	7,4	6,8	

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 4º trimestre de 2011.

do Inquérito ao Emprego relativas ao quarto trimestre de 2011, o número de pessoas sem trabalho atingiu os 771 mil, o que representa um acréscimo de 11,8% face ao terceiro trimestre do mesmo ano.





F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

O relatório do INE, divulgado em 16 de Fevereiro de 2012, mostra ainda que, no conjunto do ano de 2011, a taxa de desemprego se fixou em 12,7%, pior que a previsão de 12,5% do Governo inscrita no Orçamento do Estado para 2012 e

Taxas de desemprego por região NUTS II (NUTS-2002)					
	Valor trimestral			Valor anual	Variação trimestral
	2ºT-2011	3ºT-2011	4ºT-2011	2011	4ºT-2011
	%				p.p.
Portugal	12,1	12,4	14,0	12,7	1,6
Norte	12,6	12,7	14,1	13,0	1,4
Centro	9,5	9,4	12,6	10,3	3,2
Lisboa	13,5	14,6	14,7	14,1	0,1
Alentejo	11,8	12,3	13,1	12,4	0,8
Algarve	14,7	13,3	17,5	15,6	4,2
R. A. Açores	9,7	11,6	15,1	11,5	3,5
R. A. Madeira	13,5	14,3	13,5	13,8	-0,8

Fonte: INE, Estatísticas do Emprego - 4º trimestre de 2011.

também superior à estimativa de 12,4% da 'troika'. Isto num ano em que a economia portuguesa “encolheu” 1,5%. Paralelamente, os níveis de exigência e absorção profissional intensificaram-se de forma brutal eliminando, em muitos casos, o espaço e a oportunidade para o exercício de actividades lúdicas.

São os reflexos directos de uma economia que teimosamente persiste em não sair do vermelho. A crise cruza os vários tecidos e estruturas sociais, famílias, empresas, instituições públicas e privadas e o próprio Estado. Este cenário não se restringe ao espaço português, todos sabemos que a crise é global.

No plano demográfico, de acordo com os resultados preliminares dos Censos 2011 verificou-se um ligeiro crescimento da população em relação a 2001: a população residente cresceu cerca de 1,9%. Em dez anos Portugal ganhou 199.736 residentes, 17.600 habitantes devido ao saldo natural entre nascimentos e mortes. O saldo migratório, entre os que entraram e saíram de Portugal, é responsável por 182.100 novos habitantes.

Paralelamente se nos detivermos nos dados correspondentes à população residente segundo a estrutura etária conclui-se que estamos perante um fenómeno de duplo envelhecimento da população, caracterizado pelo aumento da população idosa e pela redução da população jovem.





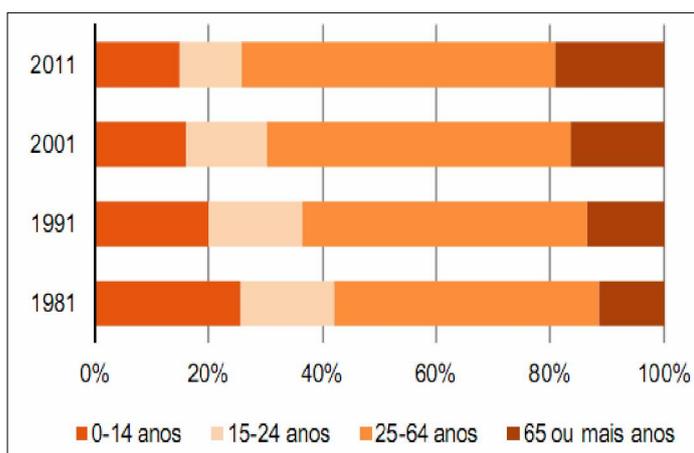
F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

■ População residente (%) segundo a estrutura etária e sexo por NUTS II em 1981, 1991, 2001, 2011

QUADRO 1.2.1

ZONA GEOGRÁFICA	População residente (%)											
	0-14 anos			15-24 anos			25-64 anos			65 ou mais		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
2011												
Portugal	14,9	15,9	13,9	10,8	11,5	10,2	55,1	55,7	54,5	19,1	16,8	21,3
Continente	14,8	15,8	13,8	10,7	11,4	10,1	55,1	55,7	54,5	19,4	17,1	21,5
Norte	15,1	16,1	14,2	11,5	12,2	10,9	56,2	56,6	55,7	17,2	15,0	19,2
Centro	13,7	14,7	12,8	10,3	10,9	9,7	53,5	54,4	52,6	22,5	20,0	24,9
Lisboa	15,5	16,8	14,4	10,4	11,1	9,8	55,7	56,0	55,4	18,4	16,2	20,3
Alentejo	13,6	14,4	12,8	9,7	10,3	9,2	52,4	53,8	51,1	24,3	21,4	26,9
Algarve	14,9	15,6	14,2	10,1	10,5	9,7	55,5	55,9	55,1	19,6	18,1	21,1
Região Autónoma dos Açores	17,9	18,6	17,2	14,1	14,6	13,5	54,8	55,9	53,7	13,3	10,9	15,5
Região Autónoma da Madeira	16,4	17,9	15,2	12,3	13,3	11,5	56,2	57,4	55,1	15,0	11,4	18,2

Há 30 anos, em 1981, cerca de ¼ da população pertencia ao grupo etário mais jovem (0-14 anos), e apenas 11,4% estava incluída no grupo etário dos mais idosos (com 65 ou mais anos). Em 2011, Portugal apresenta cerca de 15% da população no grupo etário mais jovem (0-14 anos) e cerca de 19% da população tem 65 ou mais anos de idade.



Este é o quadro geral em que se insere a prática da columbofilia.

Ainda assim não deixa de constituir um dado muito interessante que a idade média dos columbófilos seja relativamente jovem e não tenha “envelhecido” ao mesmo ritmo da população portuguesa:

Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Idade (média)	45,0	45,7	46,3	47,1	47,0	47,5	48,1	48,6





F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

A diminuição do número de associados tem, obviamente, uma conexão com o país real e com as condições de vida das pessoas, mas não podemos ignorar eventuais causas endógenas e, muito menos, o que está ao nosso alcance para as alterar.

Muito se tem escrito e falado sobre esta questão...

Comecemos por verificar qual a situação nalguns países de referência:

Países / Ano	2002	2005	2007	2009	2002-2007	2002-2009
Alemanha	65.396	58.100	53.426	48.185	-11.970	-17.211
Bélgica	48.031	43012	36.163	33.303	-11.168	-14.728
Holanda	33.884	29.815	27.189	-	- 6.695	-
França	19.249	16.996	15.470	-	- 3.779	-

No entanto, se recuarmos até ao ano de 2000, a Alemanha e a Bélgica perderam em 10 anos, respectivamente, **21.000** e 20.000 associados. A Holanda e a França, no período correspondente a 2000 – 2007, perderam respectivamente 9.000 e 5.000 associados.

Verifica-se que a perda de associados nestes países é substancial. Assim, quando apreciamos o caso português não o podemos ver de forma isolada.

Há certamente situações objectivas comuns a todos estes países que contribuíram para a actual situação: o envelhecimento da população e a dificuldade em rejuvenescer os quadros de associados, o crescimento urbano conseguido em consequência de correntes migratórias do interior rural para as grandes urbes, uma vida activa em termos profissionais cada vez mais exigente e mais prolongada no tempo com a consequente falta de disponibilidade para uma ocupação tão exigente quanto é a columbofilia, a quantidade e diversidade de hobbies / diversões com que somos permanentemente bombardeados, o lado citadino a emergir cada vez mais em detrimento duma ligação à terra e à natureza, os problemas levantados pelos vizinhos, pela autarquia e/ou pelos serviços de saúde pública...





F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

A lista poderia continuar, quase de maneira infundável, mas olhem agora para alguns dos factores endógenos que poderão assumir alguma importância nesta análise.

Talvez seja oportuno começar por uma questão genérica: **qual o grau de satisfação que, hoje em dia, se pode retirar da prática columbófila?** Sim, porque todos nós, em princípio, estamos disponíveis a fazer sacrifícios por algo que nos satisfaz muito e do qual obtemos um elevado grau de prazer.

Comecemos pela relação que maioritariamente existe entre sócios e entre estes e a sua colectividade. Actualmente predomina o individualismo e um espírito competitivo desenfreado em que vale tudo ou quase tudo, o hobby transformou-se numa obsessão cega por resultados, minando os mais elementares laços de amizade e solidariedade.

As colectividades, muitas delas, perderam-se como espaço privilegiado de convívio diário, abrindo apenas para os encestamentos e entrega de relógios.

Actualmente, qualquer um, por despeito, má educação e/ou falta de respeito pelo outro, na cobardia de um acesso à net, difama, ofende e enxovalha, sem o mínimo constrangimento. Dizem-se e escrevem-se medonhas e grotescas mentiras com um total à vontade e uma completa irresponsabilidade.

Para muitos, este permanente ambiente de “mal dizer e mal fazer” tornou-se intolerável, mesmo para quem tem uma verdadeira paixão pelos pombos.

E os “críticos”? Aqueles que sendo expeditos a considerar que nunca nada está bem feito, nunca deram (nem equacionam dar...) a cara por nada!

E o que dizer e pensar de um sistema competitivo que obriga a ter instalações e pombos que, cada vez mais, poucos podem suportar, não só do ponto de vista financeiro como da disponibilidade de tempo para executar todas as tarefas que daí decorrem ou que não permite, a quem o deseje, ser um velocista, meio-fundista ou fundista a tempo inteiro ou, ainda, a enviar pombos à prova esta semana e não enviar na seguinte, sem que tal facto arruíne por completo a sua prestação desportiva. O actual sistema competitivo está exclusivamente formatado para quem “vai a todas”.





F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

E a família? Quem compreende o facto de, durante uns quantos meses, não haver fins de semana para ninguém...?

E os custos que estão inerentes à prática da modalidade?

E o factor motivacional, para quem começa (seja jovem ou menos jovem) de nunca ver inscrito o seu nome na classificação?

Também, nesta perspectiva, a lista de eventuais questões parece não ter fim.

Actualmente fala-se muito no conceito de “flexibilidade”, lamentavelmente, sempre ou quase sempre, associado a “desregulamentação” e à perda de direitos adquiridos.

Contudo o conceito original está bem longe disso...assenta, isso sim, num sistema onde a capacidade de organização, nomeadamente de adaptação rápida a novos cenários, e de resolução de problemas internos, constitui a chave para o êxito.

A reflexão e a tomada das medidas mais adequadas, para ultrapassar as dificuldades e para responder adequadamente às necessidades que os novos tempos suscitam, tem que ser feita de forma articulada com toda a estrutura associativa. A resposta deve ser cuidadosamente preparada e meticulosamente executada, no plano nacional.

Para tal é necessário que as organizações (Federação, Associações e Colectividades) se libertem das peias do passado, dos dogmas e da perspectiva de responder a novos problemas com velhas soluções.

Somos ou não suficientemente imaginativos e flexíveis para encontrar um novo modelo de organização e de competição?

Temos ou não capacidade para encontrar novos paradigmas que atraiam as pessoas à columbofilia?

Temos ou não a capacidade de proporcionar um elevado grau de satisfação aos nossos praticantes?

Temos ou não potencial para inovar?

Temos ou não coragem de reformar (no sentido de recriar) a modalidade?

Estes são verdadeiramente os grandes desafios que hoje se colocam.





F.P.C. - RELATÓRIO DE ACTIVIDADES E CONTAS 2011

O FUTURO depende apenas das nossas respostas. A mudança terá que começar em cada um de nós.

Assim, do nosso ponto de vista, assume cada vez mais relevância a opção por:

- Uma planificação estratégica tendo por base um diagnóstico sério e claro dos problemas.
- Tomada de resoluções com impacto positivo no presente e lançamento de políticas de sustentabilidade no médio e longo prazo.
- Uma gestão criteriosa e de grande rigor dos meios existentes.
- Uma maior descentralização em pessoas, equipas e estruturas capazes.
- Uma assumpção clara por parte do Estado das suas obrigações com o associativismo desportivo, dotando-o dos meios mínimos para continuar a desenvolver o papel de promotor e dinamizador do desporto.

Finalmente, uma análise às contas ora apresentadas, demonstrará, entre outros aspectos, esforços de contenção de custos e, simultaneamente, a incessante busca de rentabilizar os meios disponíveis.

A direcção da Federação agiu no plano financeiro, com equilíbrio e ponderação, pautando todos os actos de gestão pelos princípios da transparência e do rigor.

Relativamente ao resultado líquido apurado no exercício de 2011 propomos ao Congresso, a exemplo do realizado em anos anteriores, que o mesmo seja transferido para a conta de resultados transitados. É o fruto deste trabalho e a avaliação do nosso desempenho que agora se submete à consideração e apreciação de todas as Associações.

Coimbra, 22 de Fevereiro de 2012

A Direcção

